

Tradições, valores, família e religiosidade:

a educação nos lares menonitas nas memórias das mulheres filhas de imigrantes no Paraná
(1970-1980)

Eliane Maass Cirqueira¹
Samara Mendes Araújo Silva²

Resumo: Pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação de Educação da UFPR, na linha de pesquisa de História e Historiografia da Educação, que tem como objeto de estudo a educação das mulheres menonitas nas décadas de 1970 e 1980 em Curitiba. Este artigo é extrato da referida pesquisa que se concentra na análise das memórias de mulheres menonitas que traduzem e transcrevem a educação recebida nos espaços domésticos, e pauta-se na História Cultural e na História Oral, a fim de investigar como os valores e as tradições dos menonitas se mantiveram ou foram alteradas nos lares, e entender a história cotidiana dessas mulheres, identificando as mudanças e permanências em práticas como a culinária, o artesanato, a educação e as disciplinas cristãs. Esse é um estudo sobre as memórias e os discursos dessas mulheres, os quais fazem parte de histórias pessoais que se misturam com as histórias e os discursos da comunidade menonita, e nos faz perceber que no transcurso das gerações e temporalidades, essas mulheres adaptaram vários aspectos das práticas culturais, contudo, não cederam com relação a sua fé e a manutenção de valores como o trabalho, a honestidade, a solidariedade e a família, o que mantém em última instância os elementos identitários da comunidade menonita.

Palavras-chave: Mulheres; Menonitas; Memória; Tradição; Religião.

Summary: Research in development in the Postgraduate Program in Education at UFPR, in the line of research on History and Historiography of Education, which has as its object of study the education of Mennonite women in the 1970s and 1980s in Curitiba. This article is an extract from the aforementioned research that focuses on the analysis of the memories of Mennonite women who translate and transcribe the education received in domestic spaces, and is based on Cultural History and Oral History, in order to investigate how values and traditions of Mennonites remained or were changed in their homes, and understand the daily history of these women, identifying changes and continuations in practices such as cooking, crafts, education and Christian disciplines. This is a study on the memories and speeches of these women, which are part of personal stories that mix with the stories and speeches of the Mennonite community, and makes us realize that over the course of generations and temporalities, these women adapted several aspects cultural practices, however, did not compromise in relation to their faith and the maintenance of values such as work, honesty, solidarity and family, which ultimately maintains the identity elements of the Mennonite community.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Educação da UFPR, na linha de pesquisa de História e Historiografia da Educação. Dissertação MÃES E FILHAS – EDUCAÇÃO NOS LARES MENONITAS: tradições dos descendentes das famílias de imigrantes no Paraná (1972-1984) sob orientação da Profª Drª Samara Mendes Araújo Silva/UFPR-Curitiba. Email: elianemaass@gmail.com; samaramendes1977@gmail.com

² Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Realizou estágio de Pós-Doutorado em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente, é professora do Curso de Pedagogia e da Linha História e Historiografia da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na UFPR.

Keywords: Women; Mennonites; Memory; Tradition; Religion.

Traditions, values, family and religiosity: education in Mennonite homes in the memories of women who are daughters of immigrants in Paraná (1970-1980)

1. A comunidade menonita no Paraná e os espaços de memórias

A comunidade menonita no Brasil é oriunda do processo migratório iniciado na Europa em fins do século XIX. O grupo de menonitas que se fixa no Paraná chega à capital no início do século XX, proveniente de deslocamento interno no próprio território nacional, pois se muda do estado vizinho de Santa Catarina para áreas rurais de Curitiba. Portanto, esse artigo é um fragmento de uma pesquisa sobre a memória de cinco mulheres que fazem parte de uma comunidade menonita estabelecida nos bairros Boqueirão e Xaxim, na cidade de Curitiba, Paraná, durante as décadas de 1970 e 1980 e como elas transmitiram valores e tradições da comunidade no seu cotidiano para suas filhas.

As mulheres entrevistadas para essa pesquisa são filhas de imigrantes menonitas que vieram fugidos da URSS para o Brasil em 1930, devido a perseguições religiosas e restrições de suas liberdades geradas durante o governo stalinista. Esta pesquisa, além das fontes orais produzidas a partir de entrevistas com mulheres menonitas, pautou-se no uso de fontes escritas, documentos produzidos pelos próprios menonitas como periódicos e livros comemorativos de 50 e 80 anos de chegada ao Brasil. As cinco mulheres entrevistadas atualmente têm entre 70 e 80 anos de idade, residem nos bairros Boqueirão e Xaxim, em Curitiba (PR), e foram entrevistadas individualmente em seus lares. As entrevistas foram antecedidas pelo preenchimento de um questionário com informações sobre sua família, educação e práticas cotidianas e, posteriormente, transcritas e entregues às entrevistadas para conferência. Todo o processo de entrevistas passou pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná. A opção por ouvir o relato dessas mulheres se deu pelo fato de grande parte da história da comunidade menonita, até o presente momento, estar em registros oficiais e ser escrita por homens, líderes, pastores e professores da comunidade, não havendo então uma perspectiva feminina e cotidiana dessa história. Portanto, o objetivo desse artigo é apresentar essas memórias de mulheres a fim de compreender o seu processo educacional nos espaços domésticos e não convencionais.

A linguagem é o processo de socialização da memória, e é fundamental na construção da história. Por isso, as entrevistas³ realizadas para esse artigo são a base de sua construção. Todavia, a História Oral adquire maior clareza quando as entrevistas são combinadas com outras fontes, escritas e materiais. O objetivo dessas combinações é compreender as reminiscências e as identidades, através de relações entre memória, narrativa e identidade. Para Alistair Thomson, “reminiscências são passados importantes que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes”. (THOMSON, 1997, p.57) Dessa forma, as identidades são construídas no processo de contar as histórias. E isso ficou claro durante a realização das entrevistas, em que as mulheres afirmavam sua identidade menonita recordando datas, lugares, receitas, costumes, palavras e práticas cotidianas.

A composição dessas reminiscências, ou seja, o processo de construção das imagens lembradas do passado, das lembranças vagas, nunca é plenamente alcançado por causa de bloqueios e exclusões aleatórias ou propositalmente realizadas pelo sujeito histórico depoente. Foi comum durante as entrevistas, a confusão de datas, nomes e locais. Contudo, referente a memórias pessoais, as lembranças foram mais específicas, e isso se deve, em parte, ao fato de escolhermos o que recordar e relatar e, portanto, relembrar. Como o significado atribuído as memórias muda com o passar do tempo, as memórias pessoais das entrevistadas se imbricaram e sobrepuseram com a história da comunidade menonita e, os discursos oficiais repetidos durante décadas, tais como a perseguição sofrida durante a sua história⁴, a superação em um novo país⁵, a importância da união da comunidade e da família pautada em valores cristãos.

A identidade se produz em referência ao outro e, a identidade menonita se produziu em referência às nações com que o grupo teve contato durante sua história e, nesse estudo específico, no contato com o povo brasileiro, a fim de ter aceitabilidade e credibilidade sem,

³ As cinco mulheres entrevistadas responderam um questionário previamente às entrevistas que foram realizadas em seus lares individualmente. Essa pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética do Paraná com o parecer nº 5.978.302.

⁴ Os menonitas têm origem no movimento anabatista que defendia o batismo de adulto e foi iniciado por Ulrich Zwinglio na Suíça em 1522. De Zurique, o movimento anabatista foi para Appenzell, também na Suíça, onde teve seu primeiro mártir, Eberli Bolt, depois de ter conquistado mais de 1500 membros. Após a determinação de pena de morte a heresia anabatista em 1526 pelo governo de Zurique, os anabatistas que não foram capturados em Appenzell fugiram para a Morávia (atual Eslováquia) em 1528. E assim se iniciou uma marca sensível dos anabatistas relacionada à perseguição.

⁵ As colônias menonitas foram fundadas a partir de 1764 quando a czarina Catarina II convidou povos da Prússia para colonizar a Rússia, prometendo liberdade religiosa, de língua e de ensino. Essas colônias tinham um alto grau de autonomia até 1928, quando Joseph Stálin assumiu o poder na União Soviética e implantou o primeiro plano quinquenal, tornando obrigatória a língua russa em todas as escolas, e o governo apropriou-se das terras dos menonitas, levando-os a uma nova migração para o Canadá, Paraguai e Brasil.

contudo, abrir mão dos valores e tradições oriundas das memórias transmitidas entre e através das gerações de imigrantes menonitas. A formação dessa identidade coletiva esta ligada “a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo (...) o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência”. (POLLAK, 1992, p.207)

Os valores éticos e a força da comunidade definem as características do grupo menonita desde sua origem e moldam as famílias nele inseridas, assim como a forma de educação das futuras gerações e, grande parte da responsabilidade pela guarda e transmissão destes valores e tradições está centrada nas ações educativas desenvolvidas nos espaços domésticos e não convencionais, espaços estes que são, em geral, locais de atuação privilegiado das mulheres. Esses valores podem ser entendidos como a ética protestante descrita por Max Weber, onde a “vocação” é vista como “uma tarefa de vida, de um campo definido no qual trabalhar”. (WEBER, 2001, p.64) Essa vocação foi o que trouxe inevitavelmente um significado religioso às atividades seculares do dia-a-dia. Portanto, nas práticas cotidianas das famílias menonitas é possível observar como se manifestam esses valores.

As mulheres entrevistadas são filhas de imigrantes menonitas que vieram da Rússia em 1930 e, elas relatam que o percurso do traslado oceânico da Europa para o Brasil foi um fato traumatizante, especialmente para os seus pais. O pai da Margarida Maass, que serviu na 1ª Guerra Mundial, é descrito pela filha como “uma pessoa muito quieta, não falava muito”, enquanto a mãe “sempre falava dos costumes dela lá na Rússia e o quanto ela amava a pátria dela, e quanta saudades ela tinha da pátria dela”. (MAASS, 2023)

Erica Rempel também relatou uma experiência similar, onde a mãe comentava mais do que o pai sobre a vinda da Rússia, especialmente sobre a doença (tifo) que vitimou vários imigrantes no navio a caminho do Brasil. Sobre a vinda da Rússia para o Brasil, Erica relata

O pai eu não lembro porque era meio que um tabu em casa falar sobre isso, né? Sabe? Eu não sei, provavelmente trauma, né? Porque eles passaram muita dificuldade. Meu pai veio pra cá com quatorze anos e minha mãe tinha sete anos. Então imagina, eles tinham uma vida estabilizada lá. Não, não assim rica, mas uma vida normal e chegaram aqui para morar numa selva que não tinha nada. Isso é muito traumatizante, né? Então eu acho que eles tinham um bloqueio pra falar sobre o assunto. Quem de vez em quando falava alguma coisa assim, mais, era o irmão do meu pai, o tio Isaque, ele comentava antes, quando ía lá fazer visita pra ele, ele falava, meu pai não gostava de falar não. Acho que tinha trauma sobre isso. A dificuldade toda que passaram, né? (POLYCARPO, 2023)

Em geral, o relato das mulheres ao abordar a temática da migração reteve o mesmo discurso apresentado pelos menonitas nos livros comemorativos⁶ que poderíamos denominar enquanto versão oficial da história da imigração menonita no Brasil, onde os menonitas saíram de uma situação confortável, estável financeiramente, para um lugar desconhecido, onde tiveram de superar várias dificuldades no Brasil.

Michael Pollak (1989) entende que os traumas podem fazer as pessoas falarem, reivindicarem seus direitos ou, se calarem por culpa ou, para poupar seus filhos e demais descendentes do sofrimento dos pais. Alistair Thomson (1997) pesquisou veteranos australianos da Segunda Guerra Mundial e percebeu a dificuldade de alguns soldados narrarem suas experiências traumatizantes, e também observou como esses soldados foram influenciados pela forma como a sociedade australiana relembra a guerra. A comunidade menonita foi construída enquanto monumento da coletividade que se mescla, se funde às memórias dos indivíduos enquanto sujeitos históricos que possuem experiências e trajetórias individuais. Da mesma forma, podemos observar nas entrevistas com as mulheres menonitas, a resistência de alguns imigrantes em relatar a sua história devido ao trauma, mas também a reafirmação do discurso menonita de superação.

No relato de Edite Wiens sobre a peregrinação dos seus pais de Santa Catarina para Curitiba em 1936 ou 1938 (essa data não estava clara em sua memória) em três grupos, ela destaca a dificuldade de trazer cavalos e vacas percorrendo um caminho a pé.

As ruas assim que tinha, já tinha ruas de terra. Então por essas ruas ele (seu pai) diz que levou mais de uma semana. Porque eles tinham que andar e não podiam andar depressa, porque a vaca tinha que ter sossego dela. Então eles vieram devagar, andando daí de manhã tinha que tirar leite, porque daí precisava do pasto pra eles no caminho, e daí eles vieram andando. Ele disse que mais de uma semana, daí eles chegaram aqui. (WIENS, Edite, 2023)

Segundo Alistair Thomson (1997), há dois significados para essas composições, as quais são perceptíveis nas entrevistas: 1) o processo pessoal de compor reminiscências seguras é público e; 2) a busca por afirmação das identidades no seio da própria comunidade. Os discursos pessoais tornaram-se públicos e afirmaram as identidades da comunidade, gerando o reconhecimento, ou seja, o processo de afirmação pública de identidades e reminiscências. Entretanto, as entrevistas também apresentaram as mudanças nas práticas

⁶ *Mennoniten in Brasilien: documento histórico para o jubileu dos 50 anos de imigração menonita no Brasil*, organizado por Peter Pauls Jr (1980). E *Quem Somos (1930-2010): a saga menonita rompendo a barreira cultural*, organizado por João Udo Siemens (2010).

cotidianas, as transformações sentidas pelas famílias e na comunidade. A História Oral também tem essa função de desvelar realidades que imiscuídas no cotidiano, por vezes passam despercebidas de olhares menos atenciosos. Nas palavras de Pollak, “penso que a história de vida apareceu como um instrumento privilegiado para avaliar os momentos de mudança, os momentos de transformação”. (POLLAK, 1992, p.211)

Pierre Nora (1993) explica a diferença entre memória e história quando define a primeira como uma experiência vivida por grupos vivos, no presente, aliada a afetos, lembranças no sagrado, emergindo de um grupo que as une e com a raiz no concreto, no espaço, na imagem, em objetos. Enquanto a memória é imediata, apresentada por gestos e hábitos, a história é indireta, não espontânea. A história é a reconstrução do que não existe mais, se baseia na análise e no discurso, ao mesmo tempo em que é libertadora e torna a memória universal, além de ter sua raiz nas continuidades temporais, no relativo. A história transforma a memória e cria monumentos, lugares e celebrações. Para Nora, os lugares são materiais, simbólicos e funcionais.

Nas memórias das entrevistadas é possível perceber esse lugar de memória na citação constante da “capela do Erasto”, que foi a primeira igreja construída pelos irmãos menonitas no Boqueirão em 1946. Erica Rempel Polycarpo cita a Igreja Menonita, “Irmãos Menonitas desde sempre” e explica “agora é capela, né? Mas era a igreja”. (POLYCARPO, 2023) Porque atualmente a “capela” faz parte da estrutura do Colégio Erasto Gaertner. Mas como “igreja” era um lugar de realização de várias práticas da comunidade. Segundo Erica,

Tanto é que as Bodas de Prata deles foi lá. Na capela, tem até a foto lá de frente da capela. As bodas de Ouro dos meus avós também foi lá. Eu me lembro desde muito criança a gente sempre indo na escola dominical. Sempre lá. (POLYCARPO, 2023)

Observa-se que, apesar da entrevistada saber que era igreja antigamente, ela é citada como capela, porque traz a denominação do lugar no presente. Uma das funções sociais atribuída à igreja é a realização de casamentos e bodas que, no caso da família Rempel, se aplica a várias gerações, seus avós, seus pais e o seu casamento. Ao relatar sobre o seu casamento, Erica destacou que o casamento era diferente de hoje em dia e que as integrantes da “comunidade ajudavam todo mundo”. (POLYCARPO, 2023)

A cerimônia era na igreja, depois o café da tarde era no salão do Erasto. Só que daí as mulheres da comunidade, a gente comprou os ingredientes e foi levada numa padaria e foi feito lá com a ajuda das mulheres da comunidade, foi preparado tudo lá. (...) Tinha bastante mulheres lá ajudando e era tudo na

mão, né? Bater bolo, não tinha batedeira. Fazer pãozinho, essa coisa tudo. (POLYCARPO, 2023)

Na época do casamento da Erica, na década de 1970, a igreja já fazia parte da estrutura do Colégio Erasto Gaertner, o que incluía um salão esportivo, onde também eram realizadas as festividades da comunidade. A igreja aqui se tornou um lugar de memória pessoal, o casamento da Erica e do Lincoln, e de memória coletiva, apresentando o valor da solidariedade da comunidade para realizar a cerimônia. A entrevistada Edite Wiens também citou a “capela do Erasto” como um lugar onde os seus pais se reuniam e, inclusive lugar onde eles se conheceram e casaram. O mesmo local onde a entrevistada casou há 50 anos.

A primeira Igreja Menonita no bairro Boqueirão, e atual capela do Colégio Erasto Gaertner, era principalmente um local de culto, onde aconteciam as práticas religiosas como “escola dominical, culto⁷, depois mais tarde reunião de jovens, culto, ensaio de coral”, conforme relato de Erica Polycarpo. (POLYCARPO, 2023) Para Margarida Maass, o tempo da escola dominical nessa igreja era um lugar de afeto, conforme o trecho a seguir.

Escola dominical, por exemplo. Eu já fui com quatro anos porque naquela época, há mais de 50, 60, 70 anos. (risos) Então, eu sempre ia pra escola dominical no domingo e gostava demais. Porque as professoras eram especiais, sabe? Elas sabiam ensinar muito bem. Falar, contar histórias bíblicas. (MAASS, 2023)

A partir desses relatos podemos observar que o lugar de memória é um lugar duplo, conforme Nora (1993) relata, lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, sobre sua identidade e seu nome, mas constantemente aberto sobre suas atribuições de significações. Na metodologia de estudo da História Oral é preciso considerar o enquadramento da memória, ou seja, a reinterpretação do passado levando em conta o sentido de identidade individual e de grupo. Os rastros desses enquadramentos são os objetos materiais como monumentos, museus, bibliotecas, sendo a memória solidificada nas pedras.

Rememorar o lugar das mulheres na comunidade menonita a partir de suas próprias memórias, inspirou para estas mulheres “novos pilares” para si mesmas, e, “olhares” de outros sujeitos históricos para os lugares sociais ocupados por essas agentes mobilizadoras de mudanças e permanências históricas socioculturais no seio da comunidade no decorrer das décadas. Percebendo as ações e práticas educativas desenvolvidas nos espaços domésticos, em geral, sob responsabilidade quase que exclusiva das mulheres.

⁷ A entrevistada repetiu a palavra “culto” duas vezes, demonstrando a importância dada por ela a essa prática religiosa no cotidiano da comunidade menonita.

2. Memórias sensoriais: tradições culinárias

Os pontos de referência de uma História Oral também são de ordem sensorial, em cheiros, sabores, barulhos, cores. Nesse sentido, foi perceptível durante as entrevistas, através de suas expressões, falas com suspiros e sorrisos, que todas as mulheres tinham muita saudade e memória visual, gustativa e olfativa das receitas tradicionais.

Analisando os questionários que foram preenchidos pelas entrevistadas previamente às entrevistas, concluí que todas as cinco mulheres citaram a sopa de repolho, denominada *Borscht*, como um prato típico que aprenderam de suas mães ou sogras e, também como uma receita que foi transmitida para suas filhas ou noras.

O segundo prato típico citado por quatro delas foi o *Pierogi*, o terceiro foi o pão, ou *Zwieback*, *Einback* e, na sequência, os bolos, especialmente, o Kuque de farofa. Também foram citados o *Piroschki*, um folhado de maçã e ruibarbo, o *Roelkuchen*, um pastel de vento que acompanha a sopa *Borscht*, e tradicionalmente era comido com melancia, e a *Obstsuppe*, uma sopa de frutas secas.

A comida auxilia no entendimento de diversas culturas e acessa o patrimônio cultural que cada sociedade reconhece em seu passado. Segundo Montanari, “a cozinha contém e expressa a cultura de quem a pratica, é depositária das tradições e das identidades do grupo”. (MONTANARI, 2009, p.11) O confronto com o outro permite criar uma identidade particular, pois nas trocas culturais as identidades são marcadas, modificadas e redefinidas, adaptando-se a novas situações determinadas por esse confronto. No caso da culinária praticada pelas mulheres menonitas, as receitas trazidas da Rússia sofreram alterações e adaptações conforme a disponibilidade de alimentos que havia no Brasil e ao clima. Da Rússia, os imigrantes menonitas trouxeram a cultura do repolho, das carnes defumadas, das frutas secas, alimentos fáceis de conservar num clima frio, daí a origem de receitas como *Borscht* e *Obstsuppe*.

Nas festas da comunidade menonita, desde a chegada dos primeiros imigrantes ao Brasil em 1930, era comum servir o *Borscht* e a *Obstsuppe*, e isso se estende aos lares menonitas, quando em reuniões de família ou festividades essas receitas são servidas até hoje. Erica Rempel relatou que a *Obstsuppe*, a sopa de frutas, era a receita tradicional que ela aprendeu com a sua vó, e que ela levou para a festa de família no último Natal. Segundo ela “isso é bom demais”, demonstrando a memória afetiva que estava relacionada à receita que ela descreveu com detalhes. (POLYCARPO, 2023)

Ameixa, maçã seca, uva passa, se não tiver a maçã seca eu ponho a maçã verde mesmo. Água, canela, tem gente que gosta de cravo também, mas eu não gosto de cravo. Também vai pera seca, aí faz aquele cozido todo, assim, bastante açúcar. E daí engrossa um pouquinho de amido de milho, né? Pra dar uma engrossadinha. (POLYCARPO, 2023)

Aqui observamos a adaptação da receita conforme as frutas disponíveis e o gosto pessoal, no caso, ela tirou o cravo. Hildegard Wiens também relatou fazer uma receita tradicional no almoço de família aos domingos, o *Borscht* “com os bolinhos” (referindo-se aos *Roelkuchen*). Ela aprendeu a receita com a sua mãe, mas realizou algumas mudanças.

E agora eu faço assim um pouquinho diferente que ela fazia, colocava cebola picadinha né? Eu acho que ela também dava uma fritadinha, com o tomate. E daí colocava na sopa. E eu daí já faço separado o molho da cebola, o alho, o tomate, a salsinha, o endro, né? E daí eu dou uma moída no micro, no liquidificador. E daí eu coloco na sopa. Eu coloco em camadas, daí a carne eu cozinho separado. Carne magra. Não ponho carne gordurosa. Em pedaços assim, nós cortamos a carne magra. E é, daí eu coloco em camadas o repolho, a batatinha, a cenoura. E ponho a carne já cozida ali. Coloco o molho de tomate. E daí outra vez depois. (WIENS, Hildegard, 2023)

Tradicionalmente, o *Borscht* russo é feito com três tipos de carne, suína, bovina e frango, e o componente principal, a beterraba. Mas a Hildegard adaptou a receita colocando apenas carnes magras para diminuir a gordura da sopa, e não incluiu a beterraba. Ela afirmou que a mãe não colocava beterraba na sopa, e ela também não coloca.

A segunda receita mais citada pelas entrevistadas foi o pierogi, o qual também é uma receita tradicional que é realizada em reuniões de família. Segundo relato de Elizabeth Peters, “nós festejamos o Natal com o pierogi, nós festejamos dia das mães com pierogi, nós festejamos Páscoa com pierogi”. Ela ainda completa explicando como era feito o pierogi antigamente. “Porque antigamente a gente fazia, era uma festa! Vinha todo mundo, abria com o rolo, daí grudava, o outro jogava pro outro, pronto pra já guardar. E era assim, sabe? Era gostoso e agora já não é mais daquele jeito né?” (PETERS, 2023) Ela relata que agora é diferente porque a família busca o pierogi na AMAS (Associação Menonita de Assistência Social) para comer em casa e, não acontece mais a reunião de toda família na produção do pierogi. Quanto à memória de como ela fazia o molho para o pierogi, Elizabeth descreve algumas alterações, mesclando dicas de uma amiga e adaptações pessoais.

Então, é assim, é meio uma dica de uma (amiga) da Vila Guaíra e outra eu acrescentei. Eu frito assim a cebola. Não frita forte, né? E o presunto, bastante presunto e daí nessa deixa um pouquinho de manteiga, daí dourar um pouco de farinha. E daí pra engrossar com leite e depois, depois bastante

nata. E aquele deixa assim suave. E daí o que acompanha pierogi é wurscht (linguiça). E daí eu frito o salame e onde fritei o salame fica aquele grudadinho, aquela gordurinha. Aquilo vai no molho, sabe? (PETERS, 2023)

Essa receita é descrita como uma receita que os netos, e o marido da neta, que ela descreve como “brasileiro”, ou seja, que não é menonita, gostam muito. Edite Wiens também apresenta o pierogi como uma comida típica que veio da Rússia com os seus pais e que todos gostam muito, porém, seu genro, que não é menonita, e seu neto, só gostam de comer o pierogi frito com molho branco em cima. O que representa uma adaptação da receita que foi feita para adequá-la ao paladar dos novos integrantes da família.

“A tradição termina por agir como uma das colunas, uma das estruturas que sustentam o grupo. A tradição funciona como um mecanismo de proteção para os momentos em que há o medo, o receio da mudança.” (REINHARDT, 2007, p.133) As tradições culinárias têm ritos e significados, enquanto os hábitos alimentares são construções práticas do cotidiano. Nas entrevistas foi possível observar esse cruzamento das tradições com os hábitos alimentares, pois há um esforço dessas mulheres em manter a tradição culinária e ressignificá-la em datas comemorativas, em momentos de reunião da família, os quais são considerados importantes para manter a união da família, um dos pilares identitários da comunidade menonita paranaense.

Além da manutenção da tradição, a culinária é um espaço de construção de memórias, associando a receita a um momento ou lugar específico, não espaço físico propriamente dito, mas lugar enquanto construção de identidades e sentimentos, bem como enquanto espaço social relevante na constituição das coletividades sociais dos agentes históricos. Esse é o caso observado no relato de Margarida Maass sobre a sua lembrança da mãe ao fazer o pão. No trecho a seguir podemos observar a atenção aos detalhes de como fazer a massa, e na situação que a levou a aprender a fazer o pão, a necessidade, já que a mãe tinha ficado doente.

Ela me ensinou a fazer pão quando ela estava doente, porque ela teve um infarto. Então, o que eu me lembro assim de eu fazer o pão assim. Lógico, farinha, leite, gordura, sal, fermento. Mas o que ficou gravado assim, que a gente usava uma bacia, mas a bacia depois, quando terminava de fazer o pão, a bacia tinha que estar bem limpinha. Não podia ter massa nas bordas. Tinha que ficar sempre assim limpando direitinho a massa pra não sujar, não deixar na borda assim, a massa. (MAASS, 2023)

Elizabeth Peters também lembra o fazer culinário de sua mãe, porém, em um contexto de guerra, onde eles eram tão pobres que a mãe cozinhava a batatinha com casca, “colocava na mesa e cada um descascava a batatinha, era o que tinha”. (PETERS, 2023) Já no Brasil,

numa condição melhor, a memória da comida estava relacionada a algo simples como uma bolacha maria e groselha, que foi oferecido no seu primeiro dia das crianças comemorado na igreja, o *Kinderfest*. Sobre essa lembrança ela falou com suspiros: “Que delícia! Nunca tinha comido uma coisa tão boa. Hoje em dia se isso serve pra alguém”. (PETERS, 2023) A partir desses relatos verificamos que memórias estão ligadas a lugares, a sensações, a pessoas, a imagens de momentos de sua história de vida. Mas essas memórias também geram reações e convicções. No caso de Elizabeth, que passou várias dificuldades, gerou um sentimento de cuidado e valorização do que tem. Segundo ela, “eu não consigo esbanjar nada, jogar fora nada. (...) as outras pessoas põe, enche o prato, e deixa sobrar metade e joga no lixo, mas nunca eu consegui”. (PETERS, 2023)

As demais receitas citadas pelas mulheres entrevistadas no questionário, como pão, bolo, kuque de farofa, *Zwieback*, *Einback*, são as mais relatadas como as receitas transmitidas às filhas. Segundo Elizabeth, quando os filhos estavam em casa, todo fim de semana se fazia “um monte de gebäcknes (assados)” para receber os amigos em casa. (PETERS, 2023) Hildegard afirmou que aprendeu da sua mãe a receita do *Zwieback*, *Einback*, *Streusselkuchen* (kuque de farofa) e que passou essa receita para as noras. Erica Polycarpo afirmou que a filha e o filho sabem fazer as receitas que ela citou e muito mais. Margarida Maass já lamenta que as filhas não aprenderam a técnica de fazer o pão com ela, porque agora todas elas têm a máquina de fazer pão. E também porque as filhas não têm tempo “porque estudam, trabalham, cuidam da família”, então “isso é mais fácil, né?” (MAASS, 2023) Ela estava se referindo ao uso da máquina de fazer pão, que facilita o trabalho doméstico, e, ainda que mantenham a tradição de “fazer o pão”, elas não utilizam a mesma técnica da geração anterior, indicando as alterações, adaptações nas práticas para que estas se mantenham atualizadas e presentes entre as gerações atuais, denotando a importância da presença destes elementos identitários entre os sujeitos históricos integrantes da comunidade menonita.

3. Ensinando sobre o cuidado do lar

Pensando nas tradições que foram aprendidas pelos pais que vieram da Rússia na década de 1930, e, nas tradições que foram ensinadas às filhas pelas mulheres da segunda geração, foi possível identificar nos questionários aplicados antes das entrevistas os valores mais citados. O valor mais importante a ser preservado, citado por três das cinco entrevistadas, foi o trabalho, uma das principais características da ética protestante, seguindo a crença de que a religiosidade e o trabalho são caminhos para a salvação do ser humano.

Hildegard Wiens afirmou que seus “pais trabalharam muito” com gado leiteiro⁸ e a mãe confeccionava guarda-pós para um salão, além de plantarem morango e figo, chegando a mãe a ficar “com as mãos todas com feridas” ao descascar o figo. (WIENS, Hildegard, 2023) Relacionado ao trabalho é destacada a necessidade de economizar, como parte de um discurso de pais que passaram dificuldades na sua trajetória de imigrantes.

Além da palavra trabalho ainda é usado o termo “afazeres domésticos” e “trabalhos manuais”, como práticas do lar que eram realizadas como uma ação de devoção a Deus. Nas palavras de Edite Wiens, “cantar e louvar a Deus em casa durante o trabalho”, confirmando também o papel de mulher zelosa e cuidadora do lar. (WIENS, Edite, 2023) A rotina dessas mulheres menonitas incluía ser zelosa com o cuidado da casa e ser agradecida a Deus por esse privilégio, como é observado no artigo *Pratos e Espumas*⁹ do periódico *Bibel und Pflug*¹⁰ de 1986. O artigo é escrito como se fosse uma oração de agradecimento de uma mãe, dona-de-casa, por ter um aspirador para limpar o sofá e o chão, pela montanha de louça que ficou brilhante pelo trabalho de suas mãos para a próxima refeição, pelos dedos sujos de pomada de bebê. “Eu te louvo porque com minhas duas mãos sujas com a sujeira das fraldas, com lágrimas, confortos e sofrimentos posso melhorar o mundo”. (SCHOLL, 1986, p.7) Ou seja, a mulher entende que o trabalho desenvolvido no espaço doméstico de servir a sua família é uma forma de também melhorar o mundo, em outras palavras, as atividades realizadas em casa contribuem para o fortalecimento e desenvolvimento da economia do lar.

Erica Polycarpo ressaltou o cuidado do lar como um costume aprendido e ensinado aos filhos. Conforme seu relato era muito importante “o costume, o cuidar da casa, ou cuidar da família, você se dedicar a família, manter tudo organizado, tudo limpinho”. (POLYCARPO, 2023) Hildegard Wiens contou sobre uma prática de cuidado do lar que foi ensinada pela sua mãe e que ela ainda realiza hoje em dia, quarar a roupa.

A minha mãe assim era super caprichosa e ela engomava roupa de cama. E isso eu também faço até hoje. O lençol, as fronhas, engomo os panos de prato, toalinhas. Para quarar, também faço isso. Quando não limpa bem eu dou uma fervida, e quando não limpa depois no sol, daí limpa. E passar roupa a minha mãe passava sempre tudo. (WIENS, Hildegard, 2023)

⁸ A produção de leite era comum entre os primeiros imigrantes menonitas no bairro Boqueirão.

⁹ Tradução do título original *Geschirr und Sefenschaum* – Bibel und Pflug, 1986, n.3, p.7.

¹⁰ O periódico menonita *Bibel und Pflug* (Bíblia e Arado) foi publicado mensalmente entre 1954 e 2018 e distribuído entre a comunidade menonita como boletim de notícias e artigos sobre a comunidade no Brasil e no mundo.

Segundo Erica Polycarpo, a avó “fazia questão de ensinar a gente chuliar, de cisir, de remendar meia, nossa, de fazer tricô, de fazer meia de tricô”. (POLYCARPO) Portanto, dentre os afazeres domésticos estavam também o trabalho manual como tricô, crochê, costura, como práticas necessárias para manter o lar organizado, e que foram ensinadas desde as avós, conforme o trecho a seguir.

Quando eu faço uns remendos hoje em dia eu fico lembrando dos testes. Um dia eu falei pra uma amiga minha, se minha vó visse o remendo que eu fiz ela puxava minha orelha, porque ela era muito caprichosa, isso ela passou tanto pras filhas, como pra gente também. Ela ía lá pra casa, uma época lá que tinha muito criançada, então ela passava um dia lá só ajudando minha mãe a fazer costura, remendo, e a gente tinha que fazer junto, né? Pra aprender. A gente aprendeu todo mundo, né? Até os meninos lá de casa, todo mundo, todos eles sabem fazer. (POLYCARPO, 2023)

Como a família era muito grande, todos precisavam aprender para ajudar no cuidado da casa, inclusive os meninos. E esse ensinamento foi passado para a sua filha. “A Priscila também, a minha filha, ela, eu ensinei pra ela costurar, a minha mãe ensinou ela a fazer tricô, fazer crochê, bordar”. (POLYCARPO, 2023) E também para o seu filho, sobre o qual Erica relatou que havia conseguido remendar uma calça quando estava viajando a trabalho.

A costura foi citada por todas as mulheres como uma prática necessária para a organização do lar. Elizabeth explica que ela tinha que “se virar em tudo”, então ela aprendeu a costurar sozinha com 14 anos, quando confeccionou um vestido para passear, e depois, quando estava casada, costurou vestidos de noiva para obter uma renda complementar. Margarida Maass costurava as roupas das filhas para auxiliar na economia do lar. Edite e Hildegard falaram da costura como uma atividade que gostam muito de fazer, e que tentaram ensinar para as suas filhas, mas que, no caso da Edite, não conseguiu, porque as filhas “foram trabalhar fora muito cedo”. (WIENS, Edite, 2023) As filhas da Margarida também não aprenderam a costurar porque “estudavam muito e não tinham tempo pra fazer outras atividades além do estudo”. (MAASS, 2023) A costura, portanto, era uma prática necessária, mas também possível para essas mulheres porque não trabalhavam fora do ambiente doméstico. Contudo, as filhas já passaram a vivenciar outra realidade, em que estudam, trabalham fora e, por isso, não tem mais tempo para costurar suas roupas ou de seus filhos.

O artesanato é citado como um afazer doméstico, mas também como uma atividade prazerosa. Duas das mulheres entrevistadas fazem pintura e fizeram questão de mostrar as suas obras. Elizabeth Peters se dedica atualmente a outro tipo de artesanato, que era muito comum na década de 1980, os cartões em papel vegetal. Ela confecciona esses cartões para presentear os amigos e transmitir uma mensagem de amor e esperança, ou como cartões de

aniversário. Hildegard Wiens mostrou ao final da entrevista outros artesanatos realizados por ela, como bordados em ponto cruz e ponto russo que ela emoldurou para decorar a sua sala. O bordado em ponto cruz é um artesanato que Margarida Maass relatou ter ensinado para suas filhas. Já Hildegard afirmou que a sua filha faz outro tipo de artesanato, pintura em pratos de vidro. O que essas práticas demonstram é que o modo como se realizava o cuidado do lar, incluindo o artesanato, era uma prática comum entre as mães da segunda geração, todavia, não mais uma prática possível entre as filhas devido às novas demandas como empregos e estudos.

4. As tradições religiosas no cotidiano do lar

O valor ético associado diretamente ao trabalho é à fé e, portanto, foi citado diretamente pelas entrevistadas, juntamente com o valor do temor e amor a Deus, e as práticas cristãs, como oração antes de dormir, louvor, gratidão, e participação em atividades da igreja (*Kinderchor* e *Sontagschule*¹¹). Esses valores foram aprendidos pelos pais e reforçados como valores a serem ensinados aos filhos. O respeito e a honestidade aparecem como princípios essenciais ligados à família e necessários a uma boa educação. Esse valor cristão e suas práticas referem-se à vocação como tarefa de vida, defendido por Weber.

Erica Polycarpo confirma as práticas cristãs no lar na seguinte afirmação: “O que a gente aprendeu muito é sempre fazer oração na hora das refeições, manter a disciplina, não se desviar, não fazer coisa errada, sempre nessa linha mais, né?” (POLYCARPO, 2023) Aqui observamos que as práticas cristãs estavam relacionadas à honestidade, a disciplina e a viver uma vida correta, que era um ensinamento de várias gerações. Segundo Erica, “isso vem de gerações, né? Tanto dos meus pais, dos meus avós. A gente sempre ensinou direitinho isso pra eles”. (POLYCARPO, 2023)

Sobre as práticas cristãs, Margarida Maass afirmou que era sempre o seu pai que fazia as orações nas devocionais, e que quando casou o seu marido continuou realizando essa prática da devocional em família, porém, com uma outra dinâmica. “Nós fazíamos assim. Eu lia o trecho indicado na Bíblia e o meu esposo lia então o devocional no Castelo Forte¹²”. (MAASS, 2023) Já as orações antes das refeições eram feitas geralmente por ela. Com relação

¹¹ Coral infantil e escola dominical.

¹² Livro de devocional publicado pela Igreja Luterana. Como o marido de Margarida Maass era luterano, ela adaptou algumas práticas menonitas, como a devocional, utilizando o material da igreja Luterana como uma forma de trazer o marido para essa prática diária, respeitando a sua denominação religiosa.

à educação das filhas, Margarida ainda reforçou a importância de levá-las aos cultos para ouvir a palavra de Deus. Segundo Erica, “o que nós dávamos muita importância era encaminhar os filhos no caminho certo, no caminho correto”. (POLYCARPO, 2023) E, novamente é reforçado o ensino da retidão e, a relação com as práticas cristãs que auxiliam nessa educação cotidiana que é entremeada e permeada com as atividades rotineiras realizadas para subsistência das famílias, quer seja nos espaços domésticos, quer seja nos espaços laborais e de socialização.

Todas as mulheres entrevistadas afirmaram a importância dessas práticas cristãs no lar, especialmente a oração antes das refeições. Conforme relato de Hildegard Wiens, “sempre fazíamos as refeições juntos, fazia a oração também, né?”. (WIENS, Hildegard, 2023) Os menonitas costumam fazer uma oração decorada antes das refeições, o *Vater Segne*¹³ (Pai abençoe). Por isso, a questionei se fazia essa oração, e o que ela aprendeu dos pais e ensinou aos filhos, seguindo a resposta.

Nós fazemos quando estamos todos juntos, às vezes o meu esposo ora né? Faz uma oração não decorada. E às vezes nós também oramos todos juntos, ou cantamos esse *Vater Segne*, nós também cantamos. Eles gostam de cantar, né? Também fazemos assim. (WIENS, Hildegard, 2023)

Elizabeth Peters, quando questionada sobre outras formas de oração praticadas pelos menonitas, lembrou da oração do *Vater Segne*, e, ela afirmou que essa era uma oração que se fazia entre os menonitas residentes em Curitiba, contudo, não sabendo informar qual foi a origem dessa oração.

A mãe de Elizabeth Peters fazia uma outra oração, mas também decorada, a qual iniciava com *Komm Herr Jesus, sei Du unser gast* (Vem Senhor Jesus, seja nosso convidado). Contudo, para os seus filhos ela ensinou a oração do *Vater Segne*, o que todas as demais entrevistadas também confirmaram ensinar e orar antes das refeições.

Para auxiliar nessa educação cristã no lar, era importante que os filhos frequentassem os cultos, a escola dominical, retiros espirituais e demais atividades da comunidade menonita. Segundo Margarida Maass, o culto era importante “para ouvir a palavra de Deus” porque “a palavra de Deus é um alimento que todos nós precisamos”. (MAASS, 2023) Para Erica Polycarpo, levar os filhos para a igreja, na escola dominical e nos retiros, era também uma forma de eles estarem ligados a uma comunidade, pois “daí tinha os amigos que eram da igreja e criou na comunidade mesmo”. (POLYCARPO, 2023) Ou seja, educar na comunidade

¹³ *Vater segne diesse Speise, um zur kraft und Dir zum preisen, amém.* (Deus abençoe essa refeição, para ter força e te louvar, amém). Tradução da autora.

era mais fácil, e, seguro, pois os pais dos amigos eram pessoas conhecidas, e havia a ciência do que era ensinado, bem como um esforço reiterado dos valores éticos, crenças e a marcos identitários menonitas.

5. A educação do lar em diálogo com o Colégio Erasto Gaertner

Dentre as estratégias para manutenção e reforço dos valores cristãos, a preservação e a prática do idioma alemão é apontado como um dos elementos possibilitadores de agregação e de proximidade com a comunidade. Assim, as mães dessa pesquisa optaram por manter seus filhos no Colégio Erasto Gaertner, estabelecimento de ensino fundado pelos menonitas, e onde o ensino da língua alemã e o Ensino Religioso eram disciplinas obrigatórias.

Segundo Francielly Barbosa, os menonitas criaram sua própria escola para preservação de sua cultura, etnicidade e religião, denominado de “mennonitentum”. (BARBOSA, 2010, p.63) A Escola do Boqueirão (atual Colégio Erasto Gaertner) foi inaugurada em 29 de março de 1936, passando por momentos de restrição como em 1938, quando o Decreto Estadual nº6149 de 10/01/1938 proibia o exercício do magistério para estrangeiros e, com a “nacionalização” do governo Vargas, a proibição do ensino de outras línguas além do português¹⁴.

As mulheres entrevistadas afirmaram optar matricular os filhos no Colégio Erasto Gaertner por motivos diversos, sendo o mais citado estar relacionado à manutenção da tradição como uma herança familiar, pela qualidade de ensino e, por estar ligado à comunidade menonita.

Quatro das cinco mulheres estudaram no Colégio Erasto Gaertner, o que também as motivou a encaminhar as filhas para instituição. Segundo as palavras de Erica Polycarpo ao responder por que havia escolhido o Erasto, “primeiro porque eu estudei lá, né?”. E, continua, “e é da comunidade”, confirmando a importância da escola estar ligada a comunidade menonita. (POLYCARPO, 2023)

A respeito da relação do colégio com a comunidade, ao serem questionadas, as mulheres deram importância, por exemplo, ao fato de ter sido fundado pelos menonitas, e ser o colégio ideal para o povo menonita. Para os líderes da comunidade menonita era importante que a educação secular fosse realizada em um ambiente cristão, a fim de evitar que os filhos

¹⁴ A Escola do Boqueirão foi fechada em 1938, sendo reaberta em 1948 com a condição de que professores brasileiros natos ministrassem as aulas de língua portuguesa.

se desviassem por influências mundanas. E esse era o discurso assimilado por essas mães, e difundido tanto no espaço doméstico, quanto nos momentos de socialização entre os pares, quanto em lugares fora da comunidade menonita, tais como os locais de exercício profissional.

No que se refere ao ensino, é citado pelas entrevistadas o fato do colégio ser bom e ter qualidade no ensino. Referindo-se a saída dos filhos do Colégio Erasto Gaertner no Ensino Médio, Erica Polycarpo afirmou que o Colégio Erasto Gaertner “foi uma base muito boa”, e ela não mediu esforços para trazer a filha para o colégio. (POLYCARPO, 2023)

Daí quando a Priscila precisou vim pra escola, daí a gente voltou pra cá pra ela vim pro Erasto. Eu passei um ano inteiro grávida vindo lá do Parque Barigui trazendo a Priscila no Erasto, pro jardim de infância. Eu pegava três ônibus pra vim, três ônibus pra voltar, pra trazer ela pra escola. (POLYCARPO, 2023)

Segundo Erica, tinha uma escola mais perto de sua casa, mas não era do seu agrado. Edite Wiens também afirmou inicialmente que não tinha outra escola perto de sua casa, depois lembrou que até tinha uma escola estadual, mas não tão perto. Todavia, o mais importante para essas mães era os filhos estudarem numa instituição ligada a comunidade menonita e que ensinasse os valores cristãos. Conforme Edite Wiens, “o que pesou muito foi a parte religiosa”, e para Erica, “o fato de ser ligada a igreja”. (WIENS, Edite, 2023) Segundo estudo de Sandra Gusso sobre a história do Colégio Erasto Gaertner, o seu objetivo educacional “era preparar o jovem estudante não só para o ensino da época, mas também para oferecer uma formação integral”. (GUSSO, 2016, p.76) Portanto, o objetivo era a formação cultural, espiritual e a preservação de suas origens, vislumbrando a educação integral. Segundo o Projeto Pedagógico do Colégio Erasto Gaertner de 2005, “formar cidadãos com valores éticos, princípios cristãos, através de um ensino de qualidade, com preparação para a vida eterna”. (GUSSO, 2016, p.84)

As aulas de Ensino Religioso foram acrescentadas como disciplinas extracurriculares na década de 1960, além das disciplinas de Alemão e Educação no lar. Segundo o professor de Ensino Religioso Abraão Dück, “as aulas de Ensino Religioso não tinham a intenção de defender denominações, mas sim de passar valores e princípios cristãos que os menonitas defendem e nos quais acreditam”, princípios esses baseados na Bíblia. (GUSSO, 2016, p.81)

Além do currículo estar alinhado a crença da comunidade menonita, o corpo docente era formado por membros da comunidade também. Hildegard e Edite foram professoras no Colégio Erasto Gaertner na década de 1970. Edite “ensinava a ler e escrever”, mas ela não

havia cursado o Magistério porque, segundo ela, “naquela época eu não precisava do magistério”, confirmando que ser membro da comunidade era um critério importante para lecionar no colégio. (WIENS, Edite, 2023) Já Hildegard Wiens cursou o Magistério no Instituto de Educação Familiar e foi convidada para ser professora, assim que se formou. Segundo Hildegard, “quando me formei em sessenta e seis, o professor Abrão já veio falar lá em casa com meus pais que era pra mim ser professora. E daí eu fui seis anos. É, de sessenta e sete até setenta e dois.” (WIENS, Edite, 2023)

A educação numa escola da comunidade menonita era uma extensão da educação no lar. A educação das mulheres menonitas estava pautada nos valores cristãos da comunidade menonita através de práticas cotidianas na culinária, no artesanato, nos afazeres domésticos, nas disciplinas cristãs como a oração, a leitura da Bíblia, mas também em práticas cotidianas fora do lar como a participação nos cultos e demais atividades da igreja, e a frequência numa escola menonita.

Considerações finais

Os menonitas mantiveram a sua identidade negociando, “reinventando” e adaptando às “novas” condições sociais algumas tradições, porém, não negociando seus valores cristãos. Segundo Sahr, a religião é “o elemento essencial da integração sistêmica¹⁵”, e o elemento que sustentou a ética dos menonitas. Como conclusão do estudo da Geografia social e cultural dos menonitas, Sahr afirma

Hoje, os grupos que convivem em Curitiba, mantêm – como menonitas – uma dupla estrutura parcialmente conflituosa entre a vertente alemã e a brasileira, não no sentido teológico, mas sim, no sentido das práticas cotidianas. (SAHR, 2000, p.15)

Para a comunidade menonita é importante manter os valores da fé, do trabalho, da família e da comunidade e, a mulher tem o papel de gerir a manutenção desses valores através de práticas cotidianas como o fazer culinário, o cuidado do lar e o ensinamento de práticas cristãs. Nesse processo educacional diário a mulher menonita da segunda geração assumiu o papel de guardiã das tradições da comunidade menonita e, a missão de transmissora dessas tradições no espaço privado. Segundo Candau (2023), quando a tradição não tem mais

¹⁵ Conceito utilizado por Habermas (1981), o qual defende que uma colonização do mundo é vivida por forças sistêmicas. Nesse sentido, a identidade do indivíduo é a dialética entre a Estrutura e o Agir, tendo este duas intenções, quais sejam, a construção de uma relação social e a manutenção da própria estrutura sistêmica. O imigrante ameaça a integração sistêmica no país de destino, e enfraquece as estruturas com a flexibilização e adaptação dessas estruturas, o que resulta no fortalecimento da integração social no novo país.

aplicação para o presente, ela se torna um objeto de nostalgia, não é mais geradora de continuidade, e não se ancora mais na vida cotidiana, até desaparecer por completo. Portanto, o que as mulheres desse estudo demonstraram é que, principalmente, o que poderia ser aplicado no presente cotidiano é que deveria ser mantido, então elas escolheram o que ainda seria importante no presente.

Conforme Certeau, “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”, e as mulheres desse estudo encontraram várias maneiras, estratégias para manter suas tradições e a história da comunidade menonita. (CERTEAU, 2008, p.38) Essas mulheres conquistaram o seu lugar próprio, o qual é o lar, a família e a religião, e nesse lugar elas exercem o seu poder, mantendo e transmitindo as tradições que lhes foram ensinadas no cotidiano, como o valor das refeições em família, do cuidado do lar e do autocuidado, e da importância das relações sociais com a comunidade e a escola, como um suporte para o lar.

Referências

Bibliográficas

BARBOSA, Francielly Giachini. **Para além da escola: identidade menonita e práticas sócio-educativas (Curitiba, 1934-48)**. Curitiba, 2010. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação de Educação da Universidade Federal do Paraná.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2023.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 15ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GUSSO, Sandra de Fátima Krüger. **A contribuição do ensino religioso da escola confessional menonita para a formação do cidadão em diferentes gerações**. São Leopoldo, 2016. Tese de Doutorado da Faculdade EST.

MONTANARI, Massimo (org.) **O mundo na cozinha: História, Identidades, trocas**. São Paulo: Estação Liberdade: Senac, 2009.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Proj. História, São Paulo, (10) dez, 1993, p.7-28.

POLLAK, Michael. Memória e esquecimento. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p.3-15.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, nº10, 1992, p.200-212.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary del. **História das Mulheres no Brasil**. 9ª edição. São Paulo: Contexto, 2008.

PETERS, Elisabeth. **Minha peregrinação iniciada na 2ª Guerra**. Curitiba: Ed. da Autora, 2021.

PRIORE, Mary del. **Histórias e conversas de mulher**. 1ª edição. São Paulo: Planeta, 2013.

REINHARDT, Juliana Cristina. **Dize-me o que comes e te direi quem és: alemães, comida e identidade**. Curitiba, 2007. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

SAHR, Wolf-Dietrich; LÖWEN SAHR, Cicilian Luiza. Menonitas Brasileiros às margens do mundo nacional: um estudo de Geografia Social e Cultural. In: **R.RA'EGA**, Curitiba, n.4, p.61-81, 2000. Editora da UFPR.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. In: **Educação & Sociedade**, ano XXI, n.71, julho/2000, p.116-193.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Proj. História**. São Paulo, (15), abr. 1997, p.51-84.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Tradução da versão inglesa de Talcott Parsons, Harvard University. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.
<https://www.amasbrasil.org.br/> (acesso em 12/11/2023)

Fontes históricas

MAASS, Margarida. **Margarida Maass**. Depoimento (maio.2023). Entrevistador: Eliane Maass Cirqueira.

PETERS, Elisabeth. **Elizabeth Peters**. Depoimento (junho.2023). Entrevistador: Eliane Maass Cirqueira.

POLYCARPO, Erica Rempel. **Erica Rempel Polycarpo**. Depoimento (julho.2023). Entrevistador: Eliane Maass Cirqueira.

SCHOLL, Norbert. Geschirr und Seifenschaum. In: **Bibel und Pflug**, 1986, n.3, p.7.

WIENS, Hildegard Löwen. **Hildegard Löwen Wiens**. Depoimento (junho.2023). Entrevistador: Eliane Maass Cirqueira.

WIENS, Edite. **Edite Wiens**. Depoimento (julho.2023). Entrevistador: Eliane Maass Cirqueira.

Recebido em 16 de abril 2024

Aprovado em 22 de setembro de 2024